



# CARACTERÍSTICAS PSICOSSOCIAIS DA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

**Paulo Cavalcanti da Costa Moura**

*Professor de Psicologia na AMAN, ECEME, CEP, UERJ e na PUC, Secretário Geral do "Jornal do Brasil", Rio de Janeiro.*

**C**ada época histórica se constrói sobre o passado, apresenta certos e determinados traços que lhe são característicos, e se projeta no futuro. Mais importante do que compreender que somos o resultado do passado, em mistura própria com contingências de nosso tempo atual, é compreender que somos os construtores do futuro.

As escolhas de hoje são, sem dúvida, os limites dentro dos quais a geração de amanhã terá que trabalhar. E o ambiente atual, onde a sociedade é apenas um elemento vivo, forma o grande quadro onde o futuro está sendo criado, com base nas percepções que temos sobre o presente e nas ações que adotamos como resposta a essas percepções.

Podemos dizer que chegamos a um tal estado de complexidade, que tudo está relacionado, de tal modo que seria inútil abordar qualquer problema de maneira parcial. Nosso mundo é um sistema, onde as partes guardam relações entre si e de cada uma com o todo.

Não há mais lugar para abstrair separadamente problemas de qualquer espécie, sejam eles sociais, econômicos, políticos ou técnicos. Cada problema está intimamente relacionado a cada um e a todos os outros, e assim também as possíveis soluções estarão dependentes entre si.

Esta visão global, de caráter sistêmico, nos aconselha a procurar compreender as características psicossociais de nossa época dentro de um quadro mais abrangente, que não se limite à mera descrição factual, nem nos mantenha presos a uma visão puramente nacional.

Nos limites desta abordagem, procuraremos avaliar as fontes do quadro atual, suas manifestações mais evidentes, seu inter-relacionamento com outros fatores e, finalmente, algumas perspectivas de evolução possível.

Nossas premissas básicas refletem um consenso mais ou menos generalizado de que:

- a. Vivemos uma era de transição.
- b. Estamos em meio a um formidável processo de mudanças gerais de grande impacto sobre o ser, a sociedade e as instituições.
- c. Essas mudanças nos levarão a um novo estilo de vida.

## I – VIVEMOS UMA ERA DE TRANSIÇÃO

A sociedade contemporânea vive um dos momentos mais significativos de sua história, talvez só comparável à transformação sofrida na passagem de um mundo agrário e feudal para um mundo industrializado e moderno, e assim mesmo numa velocidade sem precedentes. O início da nova década que se aproxima assinala, simultaneamente, não só os 20% finais do presente século, como também o alvorecer de um novo milênio. E isso em meio a uma profunda transformação, da qual apenas se pode vislumbrar alguns sinais de alerta, mas que certamente vai ter implicações globais sobre todos os aspectos que determinam o estilo e as condições de vida. Sem dúvida, estamos participando, como sujeito e objeto, de uma profunda mudança na condição humana.

Nós sabemos que a grande jornada do *Homo Sapiens* tem, aproximadamente, 1.000 séculos, mas que só nos últimos 5, mais precisamente nos últimos 2, e ainda mais exatamente só neste século XX é que conseguimos a grande arrancada que nos coloca, de fato, numa nova escala. Ao longo de todo esse tempo assistimos grandes revoluções materiais: Industrial, Científica e Tecnológica, mas, na verdade, não chegamos a uma equivalente Revolução Humana e Espiritual. A sabedoria humana, na era espacial, não é nem um pouco melhor do que a do tempo de Aristóteles e, em muitos aspectos, é inferior. Aprendemos os "como", sem dominar os "porquês".

Com o progresso tecnológico (que pode ser dito como a aplicação prática, com eficiência industrial, do conhecimento científico adquirido), o Homem finalmente saiu de uma posição defensiva, basicamente submisso às alternativas que lhe eram ditadas pela Natureza, para tornar uma posição dominante. Agora, e somente agora, não só é capaz de influenciar qualquer elemento no seu mundo, como pode determinar as opções do seu próprio futuro. É bem verdade que tal capacidade ainda não está assumida plena e conscientemente, e, menos ainda, não pudemos ou não soubemos desenvolver o senso de responsabilidade proporcional à capacidade de fazer. A maior prova é que ainda atribuímos à ciência e à tecnologia, qualidades miraculosas, esperando que elas resolvam nossas dificuldades e problemas, como se automaticamente elas adotassem sempre a melhor solução. E com isso nos tornamos es-

cravos da técnica, porque confiamos na onipotência do saber, esquecendo de que a técnica é incapaz de fazer julgamentos éticos ou de valor, porque não tem o senso de direção.

Esses progressos técnicos, com todos os processos nos quais se baseia, continuam a evoluir e numa velocidade cada vez maior.

Sob muitos aspectos nós já vivemos em outra escala. Ainda não estamos plenamente nos padrões do século XXI, mas já não estamos mais nos do século XX. Sentimos as demandas do futuro, mas ainda estamos presos nos compromissos e condições do passado. E, por isso mesmo, no presente aumenta o grau de insegurança, de perplexidade e desorientação. Pois ninguém pode se sentir seguro quando experimenta o choque existencial de uma era que termina em confronto com uma era que ainda não se definiu, de padrões que já não servem, de valores que já não satisfazem em confronto com a ausência de novos valores.

Certamente nesse momento a palavra que melhor define o complexo de problemas e situações conflitivas do homem contemporâneo é a palavra crise. Crise, do grego "krisis", significa separação, julgamento, momento decisivo. E o nosso momento é, sem a menor dúvida, um momento decisivo para o futuro do Homem e da Sociedade.

Embora não existam duas análises iguais para a crise global com que nos defrontamos, todos os esforços de compreensão partem ou chegam a um denominador comum: a transição rápida e profunda, que se mostra nesta verdadeira avalanche de mudanças dos dias atuais. Por toda parte, e em todos os setores, da vida individual à vida social, das organizações empresariais aos Estados, da família à escola, da Igreja à organização do trabalho, não há como escapar ao imperativo da mudança e, conseqüentemente, a necessidade de descobrir metodologias que as facilitem e processos de planejamento que permitam a minimização das resistências à mudança, tecnologias de antecipação das mudanças mais relevantes, e assim por diante. Tudo isso tem um corolário fundamental: não basta crescer, é preciso evoluir, porque estacionar significa praticamente morrer. E evoluir, orgânica e planejadamente, num meio conturbado como o atual, é um desafio que exige a mobilização de todas as capacidades.

É verdade que, sendo a vida um processo dinâmico, o mundo nunca foi estático e sempre buscou sua melhor adaptação às condições novas que emergiam ao longo do tempo. Mas o que nos distingue particularmente de outras épocas é o fato de que, em nosso tempo, essas mudanças ocorrem numa velocidade crescente e que nos atingem de maneira global e profunda. E isso exige uma capacidade de resposta adaptativa, da qual a humanidade, como um todo, está ainda relativamente distante. Se não formos capazes de desenvolver e generalizar esta capacidade de responder e, mais do que isso, de nos anteciparmos aos eventos (pro-agir em lugar de re-agir), estaremos nos condenando a um período de conturbação geral, onde até a viabilidade física da vida no planeta estará posta em questão.

Como disse Aurélio Peccei, Presidente do Clube de Roma e que recentemente nos visitou, "a humanidade está vivendo um período de alternativas extre-

mas. Enquanto atingimos um alto grau de avanço científico e tecnológico, assistimos ao súbito aparecimento de uma problemática universal (*world problematic*): um enorme complexo de problemas interligados, tais como energia, população, urbanização, produção e distribuição de alimentos, poluição, violência, descapitalização, etc. Tanto podemos chegar a um nível de catástrofe, como a um novo e mais aperfeiçoado estágio de vida. Tudo vai depender de um fator decisivo, que é a compreensão humana e o comportamento humano. E nós não parecemos estar bem preparados para enfrentar tão grande desafio”.

Temos poder e temos força, como jamais foram experimentados pelo homem, mas não temos sido suficientemente sábios em nossa capacidade de mudança e de aprendizagem social. É isso, mais do que outras ameaças, que pode nos levar a uma crise sem precedentes. Há dois pontos críticos: o primeiro é a compreensão de que a humanidade cada vez mais tem menos espaço para repetir os erros do passado; o segundo é o imperativo de quebrar este ciclo vicioso da complexidade crescente e falta de compreensão profunda, enquanto ainda é possível. Em outras palavras, é preciso aprender para saber mudar, sem o que repetiríamos o que Rollo May chamou de “modelo do dinossauro, que desapareceu porque teve poder sem a capacidade de mudar e teve força sem a capacidade de aprender”.

Nosso poder é quase que limitado apenas pela vontade, quando se trata de desenvolvimento material e especialmente tecnológico. Literalmente nos tornamos senhores do universo e com a ciência e a técnica dominamos o espaço e todo o meio natural que nos circunda. Mas, ao mesmo tempo, apesar de todo esse poder, ainda somos impotentes para solucionar, ao menos pacificamente, uma grande parte das questões cruciais de nossa era, especialmente as questões sociais e humanas. E mesmo questões de natureza física e biológica, a partir do meio natural, têm sofrido a agressão de um poder não retificado pela sabedoria, e por isso estamos esgotando os recursos naturais não renováveis, a partir do próprio habitat humano. O mesmo raciocínio se poderia aplicar à capacidade de aprendizagem social e individual. Assistimos a uma verdadeira explosão de conhecimento e desenvolvemos uma assombrosa capacidade de armazenar, processar e transmitir informações. Mas não aprendemos uma sabedoria paralela, que resultaria do aproveitamento desses conhecimentos e informações, quando orientados positiva e eticamente pela cultura. E, menos ainda, a sociedade aprendeu a se antecipar aos problemas, gerando formas inovadoras que permitam superar e retificar os desvios de uma tecnologia que não raro põe o homem a seu serviço, em lugar de se colocar a serviço do homem. Ainda hoje parece mais usual aprender pelo choque, do que pela antecipação que evitaria o choque. E os que, em algum grau, revelam esta capacidade, desenvolvem mais uma habilidade de re-agir do que de pro-agir.

Na verdade, foi a condição humana que mudou substancialmente e, infelizmente, nossa preocupação com o lado material da problemática universal foi e é tão grande, que bloqueou nossa compreensão e aprendizagem sobre os aspectos não materiais. De algum modo, em plena era espacial, precisamos voltar aos gregos, recolocando o Homem como sujeito e objeto de todas as preocupações fundamentais. Isso não será fácil, pois representa uma verdadeira revolução copernicana, exigindo a re-

interpretação de todas as categorias e problemas com que lidamos. População, por exemplo, não é somente uma questão que diz respeito à demografia, a planejamento familiar, à produção alimentar e economia de escala. É acima de tudo um problema de atitudes e de valores, tanto individual, como social. Por isso, a menos que cada casal e cada sociedade modifique suas atitudes, jamais uma decisão de governo poderá ter os efeitos desejáveis. O mesmo se poderia dizer, em paralelo, de qualquer outro problema mundial premente, seja ele político, físico, biológico, tecnológico, etc. Os problemas globais são primariamente problemas humanos, porque ou são gerados pelo homem ou são dependentes do comportamento humano, e só secundariamente são problemas "naturais". O trágico é que redescobrimos esse elemento humano quando estamos no ápice de nossos conhecimentos e poder material, com os quais já estamos profundamente comprometidos. É triste, por exemplo, constatar que, na prática, o preventivo mais eficaz contra uma III Guerra Mundial é o precário equilíbrio do poder instalado de destruição, que mais de 50% dos cientistas existentes trabalham em projetos direta ou indiretamente ligados aos interesses militares, e ainda que, segundo o discurso do Presidente Carter na ONU, o mundo gastou 66 vezes mais nos orçamentos militares do que nos programas educacionais, o que significa dispendir mais de um bilhão de dólares por dia em armamentos. E o pior é que, ao mesmo tempo que nos damos conta da fantástica quantidade de energia e de recursos humanos e materiais que deixamos de utilizar no encaminhamento da solução dos problemas humanos e sociais que envergonham a condição humana, somos forçados a aceitar essas medidas e gastos citados acima, porque talvez fosse, no estágio atual, mais trágico ainda não realizar esses programas.

## II – VIVEMOS UMA ERA DE MUDANÇAS FUNDAMENTAIS

Nos tempos atuais, a transição rápida na passagem de uma escala para outra de vida, traz o confronto súbito — e por isso mal preparado — entre os nossos padrões estabelecidos e os futuros padrões que teremos de estabelecer em face de mudanças que nos atingem.

O volume de mudanças globais que nos atingem é simplesmente maior do que nossa capacidade de percepção. Sem dúvida, para um homem maduro da nossa geração, é mais fácil perguntar o que não mudou, do que o inverso. E essas mudanças são tão aceleradas que produzem um processo igualmente acelerado de perda e busca do equilíbrio adaptativo, o que a nível individual nos põe numa situação frágil, e a nível social gera um potencial de tensão que está na raiz de muitos dos males sociais modernos.

Entre as mudanças de grande impacto e de grande alteração, podemos citar:

- O extraordinário volume de conhecimentos e informações.
- A explosão tecnológica e a incrível redução do tempo entre uma invenção e sua utilização plena.

- O universo das comunicações, que altera o próprio conceito de distância e de tempo.
- A globalização da economia, em geral, e o fenômeno particular das organizações transnacionais.
- O estilo de vida, a mobilidade social, a urbanização e outros fenômenos correlatos.
- Os valores individuais e coletivos e as novas dimensões do comportamento humano, no lazer e no trabalho.
- A pressão por novas formas de expressão e de participação social de indivíduos, grupos, estados e blocos de nações.

Mudanças, como as apontadas acima, repercutem em todos os setores, pois atingem ao homem, às comunidades e às instituições. Alteram, portanto, a própria vida e isso exige mecanismos de adaptação, que deveriam ser rápidos e abrangentes, mas que, na realidade, mostram-se muito mais lentos. Não deixa de ser curioso o fato de que, em boa parte, muitos de nossos problemas atuais derivam não do fracasso, mas exatamente do êxito dessas mudanças. É como se a cada nova conquista, em si mesma válida e meritória pelo progresso real que possibilita, novas dificuldades apareçam, ou agravam o peso de dificuldades anteriores e não resolvidas.

Por exemplo:

- Redução da mortalidade e melhoria das condições sanitárias x superpopulação e aumento das necessidades assistenciais.
- Attingimento de um altíssimo nível científico e tecnológico x possibilidades de destruição em massa, não só por armas nucleares, mas também biológicas e outras.
- Possibilidades de automação e racionalização com grande aumento de eficiência nos sistemas de produção x geração de problemas de desemprego e alienação, de poluição e desumanização do trabalho.
- Emergência de sociedades afluentes e pós-industriais baseadas no contínuo crescimento econômico x generalização dos males do "consumismo", aumento dos contrastes sociais internos e internacionais e dilapidação dos recursos não renováveis.

Verifica-se que vivemos numa situação conflitiva que resulta de um sistema social bastante doentio. Que há algo de basicamente errado é uma evidência que decorre da simples constatação de que a humanidade se mostra incapaz de assegurar um mínimo de condição decente de vida para a totalidade de seus membros, para permanecer em paz consigo mesma, e até para manter uma relação de paz com a natureza física. Logo, os valores e atitudes que desenvolvemos, e que foram necessários para nos conduzirem até a situação atual, mostram-se agora como grandes obstáculos para que possamos evoluir na direção de um novo estágio de vida. Isso é o que Willis Harman, diretor do Center for the Study of Social Policy, do Stanford Re-

search Institute, chama com razão de "anomalia fundamental", e que ele caracteriza como um processo criado para atingir certos fins, mas que por efeito de deturpações ocorridas, acaba negando esses mesmos fins. Diz ele:

- ... Os objetivos básicos do sistema e que dominaram a era industrial... (O progresso material, a propriedade privada do capital, o máximo retorno dos investimentos econômicos, a filosofia da livre-empresa, etc.).
- ... e que têm sido perseguidos através de um complexo de objetivos intermediários, ...  
(que incluem a eficiência, a produtividade econômica, o crescimento permanente da capacidade tecnológica, a expansão da capacidade de consumo).
- ... na verdade resultaram em processos e estados diversos...  
(por exemplo, na extrema divisão e especialização do trabalho, na substituição compulsiva do homem pela máquina, na obsolescência planejada artificialmente, no esgotamento dos recursos comuns, na degradação ambiental, no aumento da pobreza absoluta e no aumento dos desníveis sociais internos e externos).
- ... que culminam na contrafação das próprias finalidades humanas...  
(impedindo ou dificultando a humanização do trabalho, o encontro de novas formas de realização humana, a autodeterminação de povos e grupos minoritários, o conservacionismo da natureza, a estabilidade e a paz social, a justa distribuição da riqueza mundial e o acesso aos recursos comuns da humanidade).

Em outras palavras, as microdecisões não garantem, necessariamente, a qualidade das macrodecisões. Por isso, vivemos dilemas sociais, já que a sociedade poderá se orientar por diferentes caminhos, com conseqüências quase impossíveis de prever.

### III – UM NOVO ESTILO DE VIDA

A humanidade poderá tornar-se hábil para afastar os perigos que a ameaçam e organizar-se como uma sociedade amadurecida que se governe pacificamente e se mantém equilibrada. Poderá superar seus antagonismos internos e chegar até ao estabelecimento de uma nova ordem internacional, que assegure uma paz duradoura e um novo estágio de civilização. Poderá buscar soluções orgânicas, pacíficas e construtivas. Mas poderá também chegar ao oposto. Poderá seguir caminhos mecânicos e agressivos. Ou poderá confiar excessivamente no poder da ciência e da tecnologia, desligadas de outras considerações humanistas, levando-nos a uma sociedade tecnocrática, autoritária, do tipo descrito por Orwell. E poderá se enredar tanto em sua complexidade, que as crises se tornarão um estado permanente.

Neste sentido as crises são benéficas porque elas nos obrigam a encarar a realidade, a tomar consciência dos hiatos e a buscar soluções. E as soluções, quaisquer que sejam, implicarão em novas mudanças.

Por isso as mudanças são inevitáveis. Elas poderão ser mais ou menos aceleradas, mais ou menos abrangentes, mais ou menos tensas, mas são inevitáveis. Elas podem ocorrer orgânica e pacificamente, até porque hoje existem condições bastante favoráveis: existe uma percepção generalizada sobre a inadequação do sistema atual, existe condição de infra-estrutura econômica e existe a ação acelerada dos meios de comunicação de massa. A grande mudança será muito mais de valores, do que de mecanismos. Mas as mudanças podem também ocorrer através dos conflitos com muita tensão e comprometimento para a estabilidade social, e podem até se tornar violentas e destrutivas. Teremos, então, gerado uma sociedade totalitária. Ou ainda, numa espécie de terceira opção, a mudança pode ameaçar de tal forma a situação vigente, o sistema estabelecido (o "establishment"), que facilmente apela ao retorno forçado aos estados iniciais, através do reforço das intervenções governamentais e que leva ao que já foi chamado de "fascismo amigável".

O importante é acreditar que a mudança, para ser eficaz e justa, não precisa ser necessariamente violenta, nem ameaçar as conquistas já obtidas. É mais uma questão de conversão do que de revolução; mais um problema de valores, do que de estruturas. Depende mais de mudar o homem, para que este mude o sistema, do que de explodir o sistema para então construir um novo homem. A grande decisão a ser tomada está nesta opção: para uma visão mecanicista do homem (própria, por exemplo, do marxismo), o sistema só pode ser mudado de fora para dentro, rompendo-se as estruturas para daí atingir o homem. Para uma visão organicista, humanista (como no cristianismo autêntico), o sistema será mudado de dentro para fora, através da mudança dos homens que mudarão os sistemas. O primeiro caminho pode até ser mais rápido, mas sempre conterà um germe de violência contra a transcendência da pessoa humana. O segundo, sem dúvida mais lento, é mais duradouro e construtivo, porque é mais humano na sua essência. Uma mudança social, nessas condições, terá que ser globalizadora, baseada no senso de justiça e com o afastamento da violência.

Será globalizadora, porque é a própria imagem do homem que estará em questão e só quando soubermos respeitar a totalidade do ser, na sua complexidade e unidade ontológica e existencial, é que poderemos assegurar-lhe um padrão mais digno de vida. Será baseada no senso de justiça, principalmente de justiça social, porque este é o objetivo primário da revolução humana. Justiça social é uma idéia-força que apaixonou nossa geração, e que poderá nos conduzir à criação de uma nova ordem internacional. E terá que afastar-se da violência, institucionalizada ou não, para que o humanismo possa florescer, assegurando a verdadeira paz (não a ausência de guerra) e o verdadeiro desenvolvimento, que ultrapassa de muito a sua dimensão simplesmente econômica.

E para que a mudança possa ser global, baseada na justiça, capaz de eliminar ou pelo menos minimizar a violência, resta ao homem descobrir que, não obstante todo seu poder e conhecimento, ele não poderá modificar o seu destino se ele mesmo não se modificar internamente. Não só os problemas mas também as soluções, estão, antes de mais nada, dentro do próprio homem.

Porque, afinal, nossos sistemas sociais não são independentes de nossas crenças fundamentais. Sistemas são formados pelo conglomerado dos comportamentos, individuais e coletivos, que, por sua vez, resultam de nossas motivações e que estão ligadas às imagens fundamentais do homem. A imagem que temos do homem penetra em toda a cultura material e imaterial, inspira as formas pelas quais a sociedade modela suas instituições, educa sua juventude e age em todos os setores, inclusive na caracterização de uma política social. Por exemplo, se adotarmos certos postulados, somos levados a assumir certas conseqüências.

*"Verdades Adotadas"*

*"Conseqüência Assumida"*

- |  |   |
|--|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O homem é separado da e superior à natureza.</li> <li>2. O homem é parte da natureza e deve estar unido a ela.</li> <li>3. O homem é apenas uma "máquina" físico-biológica.</li> <li>4. O homem é resultado dos condicionamentos hereditários e ambientais.</li> <li>5. O homem sofre condicionamentos, mas tem capacidade de autodeterminação.</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Relações espoliativas com a natureza.</li> <li>2. Adoção de uma "ética ecológica", que explore mas conserve a natureza.</li> <li>3. Ignorar-se os aspectos não materiais na natureza humana.</li> <li>4. Nossa responsabilidade é prover recursos ao sistema sócio-econômico para reforçar os condicionamentos "certos" (tecnocracia social).</li> <li>5. Nossa responsabilidade é orientar o sistema sócio-econômico e educar para o exercício da liberdade responsável (democracia).</li> </ol> |
|--|---|

A política social é, portanto, diretamente dependente da imagem que cada grupo social elabora a respeito do homem. Diferentes épocas criam diferentes imagens, porque as percepções sobre o homem e o universo da vida não podem deixar de ser coerentes com o tempo. Assim, o que é próprio para um período, pode não ser para o período seguinte. No nosso caso, as imagens que serviriam para guiar a humanidade na transição de um mundo agrário e de baixa tecnologia, para nos conduzir até a um mundo industrializado e de alta tecnologia, certamente já não se mostram tão eficazes como anteriormente, e, mais do que isso, são inadequadas para nos conduzir nos rumos de uma nova forma de vida, que se vai configurando. É previsível, portanto, que estejamos caminhando na direção de uma nova imagem do homem, mas sabendo que este é um processo lento e que, provavelmente, só vai adquirir contornos mais definidos no início do novo século. Por enquanto, vive-se um período de turbulência, que acentua a instabilidade atual.

Talvez seja por isso que há prosperidade, mas falta justiça. Há poder, mas falta realização. Há capacidade, mas falta orientação. Há procura, mas falta encontro. Há mais capacidade de ter, mas menos coragem de ser.

E, na vida social, em que pese toda a força da tecnologia, novos e angustiantes problemas marcam a nossa época: deterioração ambiental e dilapidação de recursos naturais; colapso dos centros urbanos e contínuo aumento das taxas de urbanização; aumento explosivo das taxas de desemprego; necessidades crescentes de obtenção de capital e baixa produtividade do capital empregado. E todo um quadro social doentio, que abordaremos mais adiante.

Nos países menos avançados, tais problemas se agravam, porque além de todos os anteriores, ainda possuem outros, que são próprios de seu estágio de desenvolvimento imperfeito ou bloqueado. Entre esses que são mais típicos do chamado 3º Mundo, temos: a explosão populacional; as iniquidades no aumento da pobreza absoluta e nos graves problemas de distribuição de renda; as insuficiências na distribuição alimentar, nas condições de moradia, de saúde e previdência; a dependência quase inexorável às flutuações dos preços internacionais, etc. Tudo isso leva ao aumento dos contrastes nacionais, que são um escândalo nacional dentro de um contexto mais amplo.

Mas, possivelmente, nada é tão característico da época contemporânea, como a sociedade de consumo. A sociedade de consumo é uma consequência típica da revolução tecnológica, de um lado, e do expansionismo econômico, de outro.

Importa pouco saber o que se desenvolveu primeiro, se a tecnologia ou o crescimento econômico. O que é significativo é compreender que a partir de um certo momento, mais ou menos marcado pela década de cinquenta, a sociedade tornou-se presa de um sistema do qual dificilmente conseguirá libertar-se. A incrível produção de bens de consumo generalizou-se a tal ponto que, hoje, os perfis de produção nada mais têm a ver com os perfis de necessidade social. Produz-se tudo aquilo que é tecnicamente possível produzir e, com isso, gerou-se a necessidade de consumir essa tremenda produção. Para tanto, a sociedade de consumo mobilizou uma formidável máquina de propaganda, induzindo necessidades artificiais, criando obsolescências previamente planejadas e transformando, ao nível comportamental, o supérfluo em necessidade vital.

Neste processo, não só os bens de consumo, entram num ciclo vicioso de produção-consumo-produção, como, por extensão, tudo o mais pertinente à vida social é igualmente transformado em utilidade e, como tal, consumida com a mesma voracidade. Hoje se consome todo e qualquer símbolo de *status*, incluindo pessoas, imagens e instituições. A própria personalidade humana é envolvida pelos mecanismos de consumo, e não faltarão cursos, produtos e conselheiros que por preço certo prometem torná-la mais "vendável", isto é, mais atraente, mais socialmente aceitável. O "dia das mães", e outras datas semelhantes, são um exemplo.

Uma tal sociedade só pode ser mantida enquanto sua dinâmica assegurar um crescimento constante. Ela segue, como diz o Pe. Bastos de Ávila, o modelo da bicicleta: é preciso manter a aceleração para não perder o equilíbrio. E esta aceleração desvia recursos e energias de outras finalidades sociais mais justas, mas que não servem aos objetivos consumistas de expansão econômica. A consequência mais grave é a situação de iniquidade social, dentro da qual nós vivemos: os países, principal-

mente os países pobres, divididos internamente entre uma elite de abundante capacidade econômica, dedicada a todos os supérfluos, e uma massa quase indigente que não consegue garantir nem mesmo um mínimo padrão de vida com dignidade e esperança. Os problemas de distribuição de renda, por exemplo no caso brasileiro, são uma evidência do que apontamos.

Aqui cabe considerar um aspecto da sociedade contemporânea que, se não é exclusivo dos tempos atuais, adquiriu uma gravidade maior do que em qualquer outra época. Refiro-me ao fato de que, realmente, vivemos numa sociedade doente, cuja solução depende não de paliativos e medidas casuísticas, mas de uma reformulação profunda do estilo dos valores que orientam a vida social.

Tal como acontece aos indivíduos submetidos à tensão e ao desgaste continuados, também as sociedades chegam a perder seu potencial de adaptação, também se desorientam, também se tornam, por assim dizer, "psicossomaticamente doentes". E o indivíduo que vive imerso em uma tal sociedade, e dela depende para quase tudo, acaba por realizar uma adaptação negativa, acomodando-se e aceitando, como "normal", fatos e comportamentos que não são mais do que a psicopatologia da média. O que é estatisticamente freqüente passa a ser tido como normal e, assim, chega-se até ao ponto em que quem não "faz com todo mundo" é que é tido por desajustado.

Numa época de tantas e tão rápidas mudanças, a verdadeira proteção contra a insegurança e a ansiedade por ela causada está na existência de valores firmes. Mas os nossos valores também estão abalados e por isso a ansiedade facilmente se transforma em angústia, de cujos sinais o homem moderno procura escapar pelos meios que lhe são mais acessíveis.

Num período em que a velocidade é marca tão característica, tendemos a encontrar soluções rápidas, pré-fabricadas, na esperança alienada de resolver facilmente os problemas. Mas só conseguimos mascarar os sintomas, sem atingir as causas. Por isso se usam tantos mecanismos de fuga. Se olharmos sem pessimismo, mas com realismo de quem não se deseja iludir, muitas das disfunções atuais estão ligadas aos processos de fuga psicológica. O consumo de drogas e o alcoolismo, por exemplo, não estariam evidenciando uma tentativa de evasão de uma realidade intolerável, da qual é preciso escapar, ainda que fazendo uma "viagem"? A busca do prazer imediato, o hedonismo coletivo, tão em voga atualmente, não estariam associados a um lado oculto, que se mostra na impotência de enfrentar a dor e o sacrifício? O hiperativismo, a sôfrega procura do som estridente, o generalizado superficialismo dos relacionamentos sociais, não estariam indicando a dificuldade de permanecer só, de acolher o seu próprio silêncio, de questionar-se a si mesmo, de entrar numa relação humana mais profunda e mais comprometedora? A aceitação passiva dessa massificação que sufoca a expressão da personalidade individual, que gera um igualitarismo falso, e que a todos transforma em objetos, não seria indicadora de uma dificuldade latente de ser e de se assumir como pessoa?

E o que dizer da alienação de pessoas e grupos? Da desagregação familiar? Do colapso e da crise educacional? Do baixo senso de solidariedade humana e da

atividade comunitária desinteressada? Da permissividade moral quase sem limites, onde a exacerbação da sexualidade, e o quase incentivo ao homossexualismo, ao aborto facilitado, são apenas sinais evidentes da atualidade (vide os mais recentes exemplares de revistas, os programas de TV, as letras de música popular, os filmes pornográficos diretos e indiretos, a ação da propaganda, as facilidades legais e comerciais que se criam em torno do assunto, etc.). E o que dizer da expansão do crime e da violência em geral, que obriga ao cidadão montar um sistema paralelo por não confiar no sistema oficial? E a linha mais sutil de difamação pelo ridículo dos símbolos e autoridades, levando o civismo a uma posição de constrangimento, quase que "envergonhado"?

Não é, portanto, de estranhar que se fale numa sociedade doente, onde a incidência de doenças mentais, ou de origem psicogênica, seja cada dia mais relevante. No governo passado, o Ministro da Saúde declarou oficialmente que mais da metade das causas de afastamento do trabalho se deviam a razões psiquiátricas. E, no mundo, segundo dados da ONU, comete-se mais de 1.000 suicídios por dia, sendo que a incidência nos países ricos é maior do que nos países pobres. No Brasil, e segundo dados oficiais da indústria farmacêutica, só no ano de 1978, foram consumidos 58.147.000 unidades de produtos enquadrados legalmente (venda sob receituário médico, quase sempre) na categoria de tranqüilizantes, hipnóticos, sedativos e antidistônicos. Isso representou um consumo de US\$ 59.266.000,00, só na venda direta de medicamentos, pois, como se sabe, ainda há os chamados produtos não éticos, e nem se considerou o grande número de pessoas submetidas a tratamentos psicoterápicos (psicanálise e outras formas), que não consomem medicamentos.

Ora, uma sociedade pobre e mal esclarecida, como a brasileira, quando chega a consumir quase sessenta milhões de dólares em medicamentos dessa categoria, demonstra que, realmente, quem está enfermo é o estilo de vida.

Outro fenômeno típico é, de um lado, a redescoberta da dimensão humana, mas que facilmente se deturpa em formas de expressão simplistas, que mais agravam do que atenuam os problemas sociais. Veja-se, por exemplo, a quantidade incrível de "terapias" oferecidas no mercado psicológico, onde as técnicas boas (e há muitas que são excelentes) se perdem em meio às improvisações baratas e conduzidas por pessoas que, por vezes, são elas mesmas exemplos do mal que pretendem corrigir. E, de outro lado, a adesão crescente, fácil e manipulada, às fórmulas exóticas de comportamento mágico e de religiosidade popular. Episódios tristes, como o suicídio coletivo havido na Guiana, ou a mistificação tolerada, conduzida por "gurus" improvisados, mesmo no nosso meio, são exemplos que carecem de comentários.

Anteriormente, falamos que as inadequações atuais nos levarão a realizar mudanças significativas, e essas mudanças, que são inevitáveis, poderão ocorrer de uma forma orgânica e pacífica, ou de uma forma mecânica e agressiva. Mas, quem fala em mudanças, deve considerar que o intrínseco a qualquer processo de mudança é o fenômeno de resistência à mudança. E isso ocorre tanto a nível de pessoa, como a nível de sociedade. Nós resistimos às mudanças, porque, na sua essência, elas

abalam exatamente o que já temos como "definitivo" e que serve à nossa adaptação atual, ainda que seja uma adaptação "doentia". Mudar significa deixar um certo padrão atual, já conhecido e ao qual estamos adaptados, para ingressar num outro padrão, ainda não conhecido e que vai exigir de nós um esforço de adaptação. Por isso, toda mudança tem algo de ameaçador e é a partir daí que reagimos às mudanças.

No plano social este fenômeno pode se manifestar tanto num extremo, como no outro. Tanto podemos reagir contra a mudança (qualquer mudança, por mais relevante, passa a ser encarada como um ato de subversão contra princípios e valores aceitos como satisfatórios, e daí se chega a uma posição de reacionarismo extremado), como podemos reagir contra a estabilidade (qualquer situação nova, por definição, passa a ser encarada como superior à situação já existente; e, por extensão, o que já existe não é bom e deve ser substituído, a qualquer preço, pelo que é novo. Daí se chega a uma posição igualmente reacionária, só que em direção oposta). Em ambos os casos, o apego excessivo e essencialmente emocional, seja ao *status quo*, seja à nova situação, são ambos reveladores de uma adaptação muito precária à realidade, o que, por si só, já é um problema patológico. Algumas instituições sociais, como a Igreja (a igreja institucional, apenas), sofreram violentamente o choque da adaptação rápida e tiveram que enfrentar esses dois tipos de resistência à mudança em graus bem acentuados.

Um indivíduo nessas condições, como quando apresenta doenças intimamente correlacionadas a seu estado emocional, pode ter sua etiologia nas tensões e ansiedades a que o ritmo atual da vida lhe impõe. Só estará curado quando reaprender a viver, adotando uma forma existencial geradora de menos tensão. Os remédios são necessários e, sem dúvida, ajudarão no alívio dos sintomas, mas serão impotentes para eliminar a verdadeira causa. A sociedade sofre processos análogos. O poder de polícia, sem a menor dúvida, é necessário para controlar a criminalidade, mas nunca será potente para eliminar as causas dessa mesma criminalidade. Nós precisamos de muitos remédios sociais, mas não podemos nos iludir com a eficácia final desses remédios.

É por isso que carecemos mais de filósofos do que de cientistas, o que não significa que não precisamos desesperadamente de mais e melhores cientistas. Mas só os filósofos saberão questionar os valores e denunciar nossas iniquidades e imposturas sociais. Pois é chegada a hora de considerar o lugar dos valores num mundo de fatos.

Visto de um plano abrangente, existem, felizmente, vários indícios de que a grande crise atual já está superando a fase de percepção, e começa agora a atingir ao nível da formação de atitudes. É que o primeiro e mais fundamental passo para a mudança é alterar as percepções. Só quando se percebe algo como definitivamente insatisfatório é que se chega ao nível das atitudes, que são a preparação interna para chegar à decisão de mudar.

É claro que esta conscientização pela necessidade de mudança ainda não é totalmente universal, mesmo porque, tantos estarão ainda tão arraigados nos seus

privilégios atuais, que não podem nem mesmo aceitar a hipótese de mudar. Mas, por outro lado, além de ser cada vez maior o número de pessoas e grupos que pressionam a favor da mudança, existe um tal estado de desagregação na vida social que a realização humana, mesmo a dos privilegiados, torna-se cada vez mais comprometida.

Entre os sinais positivos que profetizam uma mudança em curso, podemos citar:

- a. A ênfase na autodeterminação dos indivíduos, dos grupos minoritários, na legítima emancipação da mulher, na autonomia cultural das comunidades e grupos étnicos, etc. Especialmente, a libertação da personalidade feminina (e, de novo, os exageros de certos movimentos não são mais do que resistência à estabilidade) é uma das forças mais importantes deste fim de século e que certamente vai nos levar a uma reestruturação social de dimensões mais amplas do que hoje podemos imaginar.
- b. O fim do colonialismo político e o sério questionamento do colonialismo econômico e, posteriormente, do cultural. Este processo é outra idéia-força deste fim de século e que pode operacionalizar-se a interdependência econômico-político-social, até hoje mais sonhada do que atingida.
- c. A opção da Igreja pelo pobre e pelos oprimidos, de um modo geral, não só da Igreja Católica, mas de todas as Igrejas. Este fato que doutrinariamente não é novo, encontra neste fim de século uma força de expressão sem precedentes e responde a um anseio legítimo de pessoas, grupos e povos, que até agora praticamente não tinham voz perante a história.
- d. A ênfase e o debate pela qualidade de vida, seja na procura de relacionamentos mais autênticos, na crítica ao excessivo valor do *status* sócio-econômico, na pressão pela responsabilidade social das empresas e, especialmente, na denúncia dos males e exageros da sociedade de consumo.
- e. O aberto questionamento de muitas das premissas do chamado 1º Mundo e de seus modelos desenvolvimentistas, a começar pela denúncia da falácia de se admitir que o desenvolvimento humano e social é uma decorrência automática do desenvolvimento econômico.
- f. A ênfase no controle social da tecnologia e na procura de uma atitude ecológica de preservação dos recursos comuns da humanidade, que não são infinitos e cujo acesso não pode ser restrito aos já desenvolvidos.
- g. A retomada dos significados transcendentais da vida e da pessoa humana, dos seus direitos fundamentais, da redescoberta dos valores metafísicos e da necessidade de conciliar a liberdade individual com o controle social legítimo.

Como ficou dito, esses sinais já começam a se manifestar, mas ainda não constituem uma consciência universal plena e operante. Mas é à medida que se universalizem que estaremos na direção de um novo estilo de vida, capaz de substituir a imagem do "homem econômico e racional", fruto da Revolução Industrial-Científica-Tecnológica, por uma nova imagem mais humana, melhor integrada e, por isso mesmo, mais coerente com as exigências da sociedade do futuro. Estaremos então na Revolução Humana e numa nova dimensão da vida.

E só nesta perspectiva é que poderemos, em paz, prover um novo sistema que atenda às aspirações mais fundamentais do ser, que respeite as condições exteriores e que permita um padrão mínimo de dignidade, para todos os homens e todos os povos. E isso exigirá pelo menos um começo de resolução de algumas questões fundamentais:

1. Terá que haver a reconciliação entre uma situação global de escassez (limites) e uma cultura de frugalidade, tudo dentro de uma economia mais saudável e mais humanizada.
2. Terá que haver condições mais justas e eqüitativas para a distribuição dos recursos da Terra, permitindo-se a todos os povos um mínimo decente de vida.
3. Terá que haver suficientes e reais oportunidades para uma participação completa, livre e valorizada, de todos os elementos da sociedade.
4. Terá que haver a descoberta de novas formas de realização humana a baixos custos ecológicos e sem prejuízo da ordem social.

Parece claro que tal tarefa significa um amplo programa, que só o governo terá condições de implementá-lo. Mas nenhum líder político, não importa a que regime ou ideologia se identifique, terá jamais suficiente poder para tais mudanças, a menos que um amplo esforço de opinião pública sirva de apoio. Nasce daí uma área de grande responsabilidade para as entidades formadoras de opinião, especialmente as entidades não-governamentais, as associações culturais e de classe, a imprensa, a igreja, a comunidade universitária, a elite intelectual e todos quanto possam ser, legitimamente, instrumentos da pressão social. Aqui há todo um desafio às lideranças, que devem se conscientizar de seu papel de agentes promotores de mudança social.